

O Senado está sangrando muito

GERALDO MAGELA - AGÊNCIA SENADO

"A situação do presidente do Senado, Renan Calheiros, é de difícil prognóstico. No confronto político, o governo deve reforçar seu apoio a ele. Mas vai ser uma votação muito dura. A verdade é que a Casa está sangrando muito, diante de toda essa situação. E não se pode dizer que todos nós estejamos indiferentes a isso. Por isso, não tenho dúvida em dizer que o resultado estará na mão dos indecisos". A afirmação é do líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM).

Senador, que final o senhor vislumbra para o caso Renan Calheiros?

— Vamos por etapas. Ele foi derrotado no Conselho de Ética, onde o voto é aberto. Em seguida, há uma passagem protocolar da questão na Comissão de Constituição e Justiça. E depois, tem a etapa da Mesa do Senado, que pode decidir pela cassação ou não. Se o Conselho decidir pela cassação e a Mesa, pela não cassação, cabe recurso ao Plenário, para decidir, em voto aberto, se o pedido será, ou não, arquivado. Se não for arquivado, vem, finalmente, a etapa do voto secreto, no Plenário. No começo de todo esse *affair*, a situação do presidente Renan Calheiros era até privilegiada. Hoje, eu diria que é uma situação de difícil prognóstico.

E o governo, com quem está, nesta altura dos acontecimentos?

— Eu vejo que o governo tende a



Virgílio: "Voto secreto é voto secreto. Vai ser uma votação muito dura"

reforçar o apoio a Renan, na medida em que prevê dificuldades a mais do que já teria no Senado para a aprovação da CPMF. Mas voto secreto é voto secreto. Vai ser uma votação muito dura. A verdade é que a Casa está sangrando muito, diante de toda essa situação. E não se pode dizer que todos nós estejamos indiferentes a isso. Por isso não tenho dúvida em dizer que o resultado estará na mão dos indecisos. Eu não sei se o voto secreto será favorável ou desfavorável a Renan. A verdade é que ele deveria ter-se licenciado, respondido a todas as acusações, fei-

to sua mais ampla defesa, sem a possibilidade de ser incriminado por uso da máquina.

Foi aprovada, no Congresso do PT, uma moção que propõe a reestatização da Vale do Rio Doce. Como o senhor analisa essa questão?

— Eu fico impressionado. Porque eles fizeram coisa pior, passaram a mão na cabeça dos mensaleiros. Isso foi muito mais grave. Foi grave também o presidente Lula ter ido ao encontro, com a alegação de que era apenas um militante que estava indo, quando, na ver-

dade, é impossível separar a pessoa física da pessoa jurídica que é a Presidência da República. E não acataram a recomendação do STF. Até hoje, só quem acredita em Papai Noel é que acredita, também, em alguém que não sabia do mensalão, que envolveu pessoas do alto escalão do PT e do governo. Agora, quanto a essa coisa da reestatização da Vale do Rio Doce, é mais uma tolice ideológica. A Vale, que era a melhor estatal brasileira, não tinha o dinheiro que precisava para investir. Privatizada, hoje ela passou em valor a própria Petrobras. Eu considero essa proposta uma aberração. Percebe-se que o PT não consegue ter os dois pés na atualidade. Tem sempre que ter um pé no passado. Eu diria que essa foi a parte hilariante do congresso do PT. A parte triste foi por terem dito que se orgulham dos companheiros envolvidos no mensalão.

E como o senhor vê a questão da possibilidade de envolvimento de seu companheiro de partido, o senador e ex-governador de Minas, Eduardo Azeredo, no mensalão?

— O senador Eduardo Azeredo reconhece que houve o episódio de caixa 2 em sua campanha ao governo de Minas. E ele diz: "igualzinho ao que houve na campanha do presidente Lula, e que foi confirmado pelo Duda Mendonça". E o presidente Lula não tem sido muito cobrado por isso. Eduardo Azeredo não participou do men-

salão e não inventou Marcos Valério. Houve o episódio de caixa 2? Sim, houve. E ele admite, embora não tenha tido ingerência sobre isso. É um episódio que vai ter os desdobramentos que a Justiça apontar, a partir da análise de uma pessoa correta como o procurador-geral Antônio Fernando de Souza, que haverá de saber estabelecer muito bem as diferenças. Eduardo Azeredo não é nem o 40º, nem o 41º mensaleiro. Ele não é uma pessoa desonesta, de jeito algum. Está pagando um preço muito alto, porque a defesa do PT tem sido acusá-lo. Vamos aguardar o pronunciamento do procurador-geral de Justiça. Mas Eduardo está muito confiante.

Senador, Serra ou Aécio? O que vai acontecer?

— Sou a favor de Serra e Aécio. Se eu pudesse, comporia uma chapa Serra como presidente e Aécio como vice.

Mas o senhor os consultou para isso?

— Não. Não consultei. Mas os dois juntos são uma formidável força política. E isso pode desguiar naquilo que o Brasil anseia, que é nós termos o aprofundamento da questão democrática; um governo com gerência, porque ambos são excelentes gerentes; e realismo, porque nós vamos ter um mundo que poderá ser normal, mas que não será tão virtuoso em termos econômicos, do ponto de vista internacional, quanto o que o presidente Lula tem experimentado.